

Ao fazer sua proposta de programas para o ensino primário e secundário do Rio de Janeiro, o professor Delgado de Carvalho refletia, para além dos embates teórico-pedagógicos que caracterizaram a época, muito de sua história pessoal.

Nasceu em Paris, em 1884, filho de pais brasileiros a serviço do Império do Brasil, que preferiram o exílio à República. Tendo perdido a mãe ainda no primeiro ano de vida é criado pela avó e pelas tias entre Londres e Paris, todas proibidas de falar português em sua frente. É fluente em francês, inglês, alemão e português. Estudou no Colégio dos Dominicanos São Tomás de Aquino, em Lyon, obtendo o diploma de *Enseignement Secondaire Classique*, habilitando-se, o que efetivamente faz em seguida a dar aulas de História no Collège de France. Cursa Direito em Lausanne, mas até momento não encontrei qualquer evidência de que houvesse concluído o curso, e a École de Sciences Politiques de Paris (seção diplomática), tornando-se doutor em Ciências Políticas após defender, em 1908, a tese “Un centre économique au Brésil – l’État de Minas”. A escolha do tema nos revela o vínculo de Delgado às reformulações então em curso na Geografia, que tinham por centro a École e seu diretor Paul Vidal de La Blache, Neste e nos trabalhos subsequentes, Delgado aborda o espaço brasileiro empregando o instrumental desta nova geografia: uma perspectiva regional que dimensiona a relação natureza/homem a partir deste último, discordando do determinismo proposto pela escola alemã que consignava de forma absoluta o homem ao meio. O mesmo rio que delimita os limites entre dois povos distintos, também viabiliza o comércio, no exemplo clássico. O olhar se volta para as

formas de ocupação do espaço e os seus múltiplos agentes, as técnicas, a economia, os materiais e as condições oferecidas pela natureza. Impõe-se o método de análise e a comparação. A unidade de análise é aquela que apresenta características e história homogêneas – estudo do meio físico e análise histórica. Em 1913, Delgado traduz esta nova geografia, ainda em processo de gestação, na *Geographia do Brasil*, destinada aos alunos do Ensino Secundário. Este é o primeiro manual de geografia brasileiro com base numa visão científica da mesma, no qual são descartados a descrição física, a sucessão de nomes e os exercícios mnemônicos. Foi várias vezes reeditado. Como seu mestre Vidal de La Blache, recusa-se os limites acadêmicos e lança-se à ação: buscando a criação de ligas e sociedades de Geografia, debatendo através dos jornais, integrando comissões governamentais.

A atuação de Delgado na formulação de novos parâmetros de pesquisa e de ensino da Geografia têm sido alvo de alguns estudos (FERRAZ:1994; SCABELLO:2004) que o avaliam como o introdutor da moderna geografia no Brasil. Quanto à continuidade dos estudos de Geografia em sua vida, creio que podemos tomar de empréstimo as palavras de Fernand Braudel em relação a Lucien Febvre: “ficou toda a sua vida tanto geógrafo quanto historiador” (BRAUDEL:1965)¹.

Em 1919, diploma-se mais uma vez, agora pela London School of Economics. Autor de vasta obra, torna-se catedrático do Colégio Pedro II, onde dá aulas de História e

¹ Lucien Febvre, que também foi aluno de Vidal de La Blache, será um dos professores convidados pela Universidade do Distrito Federal, em 1935, para dar aulas no recém-criado curso de geografia no qual Delgado de Carvalho era o professor catedrático.

3

Geografia, professor catedrático de Geografia e depois de História Moderna e Contemporânea na Universidade do Distrito Federal², bem como professor de Sociologia no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Foi fundador da Associação Brasileira de Educação – ABE, diretor do Colégio Pedro II e do Instituto de Pesquisas Educacionais, da Secretaria de Educação do Distrito Federal, na gestão de Anísio Teixeira. Participou ativamente das discussões das reformas Francisco Campos, 1931 e Capanema, em 1942. (ROMANELLI:1978; REZNIK:1992)

Mas definia-se, acima de tudo, como um professor de história, ou ainda um *'pardal de Clio'*, que são os que “vão buscar nos ninhos de pesquisadores desprevenidos os elementos necessários a suas lições e a seus livros didáticos” e de cujas “bicadas acertadas dependem os progressos no ensino da matéria”.³

Cosmopolita, bem nascido, herdeiro de uma tradição de erudição aprimorada pela formação e mantida pelas leituras e viagens freqüentes, ao retornar definitivamente ao Brasil após o fim da Grande Guerra, Delgado integra-se à cidade do Rio de Janeiro e ao “clima político” da cidade, na qual a decepção com a República dos Coronéis, faz proliferar diagnósticos e prognósticos para a nação brasileira. Toma para si a idéia modernizadora que preconizava a renovação de hábitos, comportamentos e modos de pensar do homem brasileiro e que se traduzia em esforço de reforma dos mecanismos de formação das elites e de socialização do povo. A escola, primária ou secundária, sobleva-se como espaço

² Com seu fechamento é transferido por Gustavo Capanema para a Universidade do Brasil, exonerando-se do Cargo de Catedrático em Geografia em 1942 Distrito Federal, em 1935, para dar aulas no recém-criado curso de geografia no qual Delgado de Carvalho era o professor catedrático.

³ Foi assim que Delgado se definiu em discurso lido em reunião do IHGB, de 4 de agosto de 1971, quando foi convocado pela presidência daquela casa a reassumir a cadeira de membro efetivo do Instituto. Ele aproveita a oportunidade para reafirmar suas posições no tocante ao ensino de História. Cf. Meio século de atividades. **Revista do IHGB**. v. 292. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional, jul/set. 1971.

4

privilegiado da ação transformadora; uma escola transformada, evidentemente, com uma educação nova, como preconizava a ABE e o movimento dos educadores nos anos 20.

Assim como Anísio Teixeira, Lourenço Filho e boa parte dos signatários do Manifesto de 32, Delgado é tributário das reformas educacionais que vêm sendo postas em prática nos Estados Unidos na primeira metade do século passado. Visitou o país, fez cursos na Universidade, trocou experiências. Chega a comandar um projeto de intercâmbio de professores e estudantes brasileiros e norte-americanos. É um leitor atento de John Dewey que pode ser reconhecido em muitas de suas formulações metodológicas e teóricas: a plasticidade da natureza biológica infantil, o papel da educação na mudança de hábitos, a correlação entre interesse e disciplina, experiência e pensamento, pensamento e educação, a relação entre escola e democracia⁴.

Sigamos Delgado ao introduzir a discussão sobre a importância e a didática das Ciências Sociais, em 1937

Em outubro de 1923, dois terços da cidade de Tóquio foram destruídos por terremoto e subsequente incêndio. Desaparecem a quase totalidade de Yokohama. Não tinham ainda se apagado as chamas que o Visconde Goto, então ministro do interior, telegrafava a técnicos, cientistas e sociólogos dos Estados Unidos, chamando-os para irem ao Japão, levar as suas luzes à comissão de reconstrução que ele tinha nomeado e presidia.

A questão preliminar era capital: quanto tempo levaria a restauração material? Era capital porque de sua resposta dependeria a confiança indispensável, o crédito necessário para o emprego de capital. Ruínas fumegantes não podem ser taxadas nem respondem pelo futuro.

Foi nestas circunstâncias que apareceu em toda a sua extensão a utilidade prática das ciências sociais. Foram imediatamente escolhidos os estudos minuciosos de dois precedentes: o incêndio de Salônica e o terremoto de São Francisco da Califórnia. Sobre estas bases de conhecimento foi estudado o problema e dada a resposta. Decidida a ação, continuou o trabalho de planejamento da reconstrução.

Aí vieram auxiliar as ciências sociais, as artes, as técnicas, as ciências. Mas as diretrizes com a experiência social, os fatos conhecidos, o pensamento social, o ideal, a ética e a estética sociais. Poucos foram os que pensaram em reconstruir o que existiu antes do desastre: os ensinamentos eram eloqüentes e as novas necessidades estavam bem estudadas. Havia quem conhecesse as exigências do

⁴ O peso de Dewey entre os integrantes da Escola Nova tem sido objeto de muitas análises, entre as quais destacamos NUNES (2000), CUNHA (2001)

urbanismo, a necessária largura das ruas, os tipos de edifícios convenientes, havia quem soubesse como deviam ser de ora em diante construídos os prédios em terra instável; havia quem aconselhasse a resolução do problema da habitação proletária sem “slums” ou “favelas”, quem falasse em saneamento, em áreas livres, em parques. Era uma oportunidade única, para a engenharia, a arte, a política, a administração, a educação apresentarem e obterem a execução de seus objetivos supremos, dos novíssimos ideais sociais.

(...)

Ficará, todavia, a reconstrução de Tóquio como um exemplo recente e de grande proporções do que são, do que podem ser as ciências sociais, como conhecimento, como método, como pensamento e ideal. Ficará também patente o que podem contra elas as forças de resistência passiva, a oposição surda, a falta de compreensão.

A vitória não foi total porque o terremoto não tinha varrido certos filósofos de gabinete que criticavam ‘medidas apressadas’, ‘dados insuficientes’, ‘estudos imperfeitos’, ‘desconhecimento da índole nacional’, em suma, tudo quanto era **ação**.⁵

Nesta passagem, que me parece conter o cerne do pensamento de Delgado, o uso da categoria de reconstrução, cara ao pensamento de Dewey se evidencia na perspectiva de reintegração do velho com o novo, permeado pela crítica capaz de distinguir, de selecionar, de por em relevo os elementos fundamentais do momento histórico vivido. É o moderno sendo construído através da atividade conjunta que une cultura e ciência e a afirmação de que para usar todo seu potencial de produzir conforto ao homem, não bastava manipular a natureza, mas era preciso estabelecer novos ideais e fins e agir de modo sistemático para realizá-los (NUNES : 2000, p. 160/3).

A perspectiva de um mundo em constante transformação, em que o presente e o futuro iluminam o passado, em que o movimento é permanente e aponta a direção do progresso e de onde se deriva um otimismo sistemático, a inspiração fornecida pelo método científico que rompe as especializações, todas tributárias de Dewey, são o pano de fundo das concepções delgadianas de escola e do papel da História em seu interior.

⁵ A citação foi extraída de um manuscrito de Delgado de Carvalho, com indicação de ser destinado a ABE, datado de 08.06.37, cujo título é **As Ciências Sociais na Escola Secundária**. IHGB/Arquivo Delgado de Carvalho, lata 9

6

Sua compreensão de escola primária está ancorada em Dewey. Delgado a define como universal e transmissora de valores que viabilizem a adaptação do cidadão “às solicitações intelectuais novas, ao progresso, às iniciativas generosas, à cooperação, à vida e ao bem estar da sociedade”.⁶

Os valores que pressupõe devam ser incorporados pelo jovem cidadão: a erudição que abre portas (mínimo de informações que o indivíduo precisa ter para não se achar em situação de inferioridade), o sentimento de pertencimento à humanidade, integrando-se à vida da comunidade em que nasceu e vive, a disciplina mental, o estímulo à imaginação e a possibilidade de fornecer um raciocínio instrumental “que se aplica a maior parte da vida corrente” e o patriotismo definem a funcionalidade dos Estudos Sociais enquanto disciplina neste nível escolar (1949 : 8)

Para que estes objetivos possam vir a ser alcançados, a mediação do professor, seu empenho na seleção dos conteúdos, na escolha das abordagens e nos métodos de ensino faziam-se imprescindíveis. Ele defende uma formação acurada do professorado, para que este possa incorporar os novos saberes e métodos científicos, atualizando-os e reformulando-os em contato com aqueles a quem o progresso, alcançável com a nova ciência, busca incorporar. Assim a escola é vista ainda como um laboratório, “um campo de experiência , de pesquisas e de estudos ainda pouco explorado”.

Delgado preocupa-se, portanto, em trazer a “nova história” que está sendo feita nos seus centros de referência de erudição – Estados Unidos e Europa Ocidental – para os mestres. Preconiza a atualização dos conteúdos de ensino de forma a incorporar os

...diferentes tipos de história que prosperam no momento presente, gerais ou particulares: história econômica, dos transportes ou da indústria, do trabalho ou do

⁶ IHGB/Arquivo Delgado de Carvalho. Lata 9

crédito, história das instituições, das classes, das Aristocracias, do Clero, da Burguesia ou da Escravidão, história também das Idéias, da Democracia, do Absolutismo, da Razão de Estado, da Liberdade de Consciência ou dos Direitos Naturais. (1937 : 36)

detalhando uma ‘nova didática’ decorrente dos novos métodos do fazer historiográfico. (FALCON:2002; BURKE:1991)

Sua concepção didática é orientada pelo objetivo designado à História – promover a socialização do educando na cultura do seu tempo, localizando-a e reconhecendo-a como o ponto mais elevado, até o presente, do progresso humano. Os conteúdos de ensino são desenvolvidos, pois, como um panorama dos tempos.

A estes períodos o estudante terá acesso através da recriação de diversas situações do passado que se tornam tanto mais possíveis quanto as possibilidades de estabelecer pela “experiência” um contato imediato, possibilitado pelas informações e documentos reconhecidos como significativos pelo presente, com o objeto de estudo. A História é recriada no presente pelo laboratório, assim como nas ciências exatas, em que se transforma a sala de aula.

À história narrativa contrapõe o estabelecimento de relações de causalidade e hierarquização dos acontecimentos, “que distinga[m] o **essencial** e **vital** do simples **acidental**, que permita[m] reconhecer os **motivos**, julgar os **casos**”. Em lugar da descrição cronológica, propõe que o professor apresente o conteúdo por **tópicos** e que, sempre que estes viabilizem a opção, sejam desenvolvidos através de **problemas** ou de **projetos**, incentivando a articulação diacrônica dos temas e bem como a exploração dos nexos com a

8

geografia. Sucedem-se, ao longo da obra de Delgado, os textos nos quais são analisados os tipos de aula, os procedimentos, as provas, as revisões, as imbricações temáticas.⁷

No ensino secundário, cuja função é a formação das elites intelectuais que exercerão a direção científica da sociedade, Delgado destaca a contribuição das Ciências Sociais, entre as quais a História, pois “elas são a humanidade em toda a sua complexidade. Representam atualidades do presente e do passado, **registros, conhecimentos factuais, dados, pensamentos, valores, sentimentos, aspirações**. Encaram um mesmo assunto sob pontos de vistas diferentes, sob vários aspectos”⁸

O exemplo da reconstrução de Tókyo, a que fizemos referência acima, materializa esta compreensão. Elas são portadoras do “novo”, do “progresso”, elas indicam não só o que fazer, mas como fazê-lo, como dirigir a “mudança”. Cada qual com o seu corpo de conhecimentos específicos, “a **História da Civilização, a Geografia Humana, a Economia Política, a Ciência Política e a Sociologia.**”

Premida pelo espaço devo indicar ainda na proposta de Delgado, uma visão integrada das Ciências Sociais, entendidas como “um conjunto de influências recíprocas”, a defesa de uma História e uma Geografia que, sempre atualizadas, pudessem trazer ao cidadão em formação a sustentação de sua atuação consciente em direção ao progresso mantiveram-se constantes. Ainda em relação à conformação da disciplina, nos seus mais de noventa anos de vida, Delgado irá batalhar pela idéia de que a História do Brasil fosse

⁷ As considerações resultaram da análise de dois textos de Delgado de Carvalho: “Metodologia e prática de ensino de História na Escola Primária do Distrito Federal”, manuscrito datado de outubro de 1949. IHGB/Arquivo Delgado de Carvalho. Lata 9 e Sociologia e Educação, publicado em 1934

⁸ Para a proposta de História o documento base é **As Ciências Sociais na Escola Secundária**, datado de 08.06.37 IHGB/Arquivo Delgado de Carvalho, lata 9. Todos os grifos são do autor.

9

ministrada como parte do curso de História Geral, em particular no ensino secundário, e como Estudos Sociais, nas séries iniciais.

O projeto de Delgado de Carvalho, neste campo específico de sua atividade, foi derrotado. O estudo dessa trajetória nos permitirá uma melhor compreensão sobre o processo de autonomização da História disciplina escolar, os mecanismos de tensão e resistência que se interpõem entre a instituição escolar e a sociedade que lhe dá origem.

Bibliografia:

- BOLETIM GEOGRÁFICO.** Apontamentos Biobibliográficos: Professor Carlos Delgado de Carvalho. Rio de Janeiro : CNG, n. 13, ano II, 1944
- BRAUDEL, Fernand. Lucien Febvre e a História. **Revista de História.** 31(64). Out./dez.1965
- BURKE, Peter. Gilberto Freyre e a nova história. **Tempo Social.** São Paulo, v. 9, n. 2, p. 1-12. out. 1997.
- CHARTIER, Anne-Marie. Escola, Cultura e Saberes. In.: XAVIER, L. et al.(orgs.) **Escola, Cultura e Saberes.** Rio de Janeiro : Editora FGV, 2005.
- CHERVEL, André. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação.** Porto Alegre, n. 2., 1990. p 177-229.
- FALCON, F. **História Cultural**, uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro : Campus, 2002.
- FERRAZ, Cláudio B. Oliveira. **O Discurso Geográfico:** A obra de Delgado de Carvalho no contexto da Geografia Brasileira – 1913 a 1942. São Paulo : USP, 1994. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós – Graduação em Geografia, FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994
- GASPARELLO, A. Medeiros. **A pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira.** São Paulo : Iglu, 2004.
- LA BLACHE, Paul Vidal – Des caracteres distinctifs de la Géographie. **Annales De Géographie,** 22(124), 1913. p. 289-299
- LINHARES, M. Y. Leite. 40 anos da ANPUH – Balanço de uma professora. IN SILVA, F. C. T. da, MATTOS, H. M., FRAGOSO, João. (orgs.) **História e Educação**, homenagem à Maria Yedda Leite Linhares. Rio de Janeiro : Mauad, FAPERJ, 2001
- MACHADO, Mônica. A implantação da Geografia Universitária no Rio de Janeiro. **Scripta Nova**, Revista eletrônica de Geografia y Ciências Sociales. Universidad de Barcelona, n. 69(5), 1 de agosto de 2000. disponível em <http://www.ub.es/geocrit/sn-69-5.htm> acessado em 15.out.2005.
- MICELI, Sérgio. . **Intelectuais e classe dirigente no Brasil** (1920 – 1945). São Paulo/Rio de Janeiro : DIFEL, 1979
- MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Febvre.** São Paulo : Ática, 1992
- NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República.** São Paulo : Editora Pedagógica e Universitária, 1976.
- NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira:** a poesia da ação. Bragança Paulista : EDUSF, 2000.
- OLIVEIRA, Marcus Aurélio Tabora; RANZI, Serlei Maria Fischer (org.) **História das disciplinas escolares no Brasil:** contribuições para o debate. Bragança Paulista : EDUSF, 2003.
- PESSANHA, E.; DANIEL, M.E.B.; MENEGAZZO, M.A. Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação.** n.27. Set/Out/Nov/Dez/ 2004 disponível em <http://www.anped.org.br/publ.htm> Acessado em 10. out. 2005
- REZNIK, Luis. **Tecendo o Amanhã** (A história do Brasil no ensino secundário: programas e livros didáticos, 1931 a 1945). UFF : Niterói, 1992. Dissertação (Mestrado) Programa de pós-graduação em História, ICHF, Universidade Federal Fluminense.
- SCABELLO, A. L. Monteiro. **Carlos Delgado de Carvalho: a imagem como recurso didático**, um estudo de caso – Geografia do Brasil (1913) e Geografia Física e Humana (1943). São Paulo: USP, 2004. Tese (Doutorado) Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.